



Nova Identidade

• INFORMATIVO OFICIAL DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO ABC • EDIÇÃO ESPECIAL • 08/MAR/2021 •



UM VÍRUS, MUITAS LUTAS

Mulheres enfrentam
também pandemia da
violência, discriminação
e machismo a cada dia



Bancárias têm proteção à violência em CCT

A categoria bancária conquistou em convenção coletiva de trabalho (CCT) a inclusão de cláusulas protetivas às mulheres. Elas incluem medidas de prevenção à violência, abordagem e esclarecimento sobre o tema (tipos de violência) e ações de apoio às trabalhadoras que se encontrem em situação de vulnerabilidade. Um canal de comunicação com o banco, para acolher a bancária vítima de violência doméstica e familiar, a possibilidade de transferência da trabalhadora (com sigilo garantido), alternância de horários de entrada e saída para que o agressor desconheça a rotina da vítima e a oferta de linha de crédito ou financiamento especial a essa trabalhadora constam do CCT, entre outros itens, representando grande conquista para a categoria.

“As empresas também devem se preocupar em reduzir a vio-

lência contra as mulheres, é uma tragédia social que não se limita a um grupo ou classe social”, afirma a diretora sindical Anaide Silva, lembrando que é também fundamental que as mulheres ocupem cada vez mais postos em todos os espaços de poder, para que suas reivindicações ganhem voz e vez.



Direito ao voto faz 89 anos

As mulheres não podiam estudar, viajar sozinhas, votar. Todos esses e muitos outros direitos tiveram que ser conquistados. No caso do voto, chegou há 89 anos para as brasileiras, em 24 de fevereiro de 1932, após muitas lutas e decreto governamental.

Nessa história destacaram-se a professora **Celina Guimarães Viana** (primeira eleitora, anos antes, em Mossoró, Rio Grande do Norte) e a advogada **Berta Lutz**, que participou das primeiras entidades de defesa dos direitos das mulheres no Brasil.



Pandemia aumenta casos de agressão e feminicídio



A pandemia de coronavírus ampliou os casos de violência contra a mulher e de feminicídio. Dados divulgados em outubro do ano passado apontaram uma morte a cada nove horas em apenas dois meses de 2020. “O confinamento, a ausência de parentes e amigos que possam apoiar, o próprio aumento da

miséria e do desemprego, tudo isso contribui para piorar a situação das mulheres durante a crise que vivemos”, aponta a diretora sindical Inez Galardinovic.

Para impedir tamanha violência existem ações ativistas que podem ser adotadas por todos, num exercício de sororidade (apoio entre as mulheres) constante. A ONU Mulheres Brasil elenca nove delas, entre as quais o diálogo sobre a temática e a participação online – veja detalhes em www.bit.ly/9acoescontradesigualdade



Faça a leitura do QR Code e **ACESSE**

Mas há ainda um longo caminho pela frente: ainda são poucas as mulheres na política, nos sindicatos, nos altos escalões executivos. “A mulher estuda mais e é mais empreendedora, mas ainda ganha menos e não tem o devido reconhecimento”, afirma a diretora sindical Inez Galardinovic.



Celina Guimarães Viana



Berta Lutz

Presença feminina no Sindicato

A categoria bancária sempre foi vanguarda na luta pelos direitos das mulheres. Foi a primeira a conquistar em negociação uma cláusula sobre igualdade de oportunidades, tem mesa temática permanente e canal específico para mulheres vítimas de violência doméstica. Elas também estão presentes na entidade, na diretoria atual e na composição da chapa que disputará a eleição no próximo mês de abril. Confira:



Bancárias que fazem a luta junto ao Sindicato; participe também das iniciativas por igualdade de oportunidades



Inez Galardinovic



Carina Leone



Anaide Silva



Ariane Canever Dias



Carolina Roncon



Etiene Macedo Nardi



Karin Diaz Gonzalez



Magali Sanches



Lenielle Gonçalves